



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FRANCISCA AIRLA VIDAL SOUSA

**ESTUDO SOBRE O PODER SIMBÓLICO DA MORTE NO RITUAL FUNERÁRIO
DA ETNIA BORORO**

**REDENÇÃO
2021**

Francisca Airla Vidal Sousa

**ESTUDO SOBRE O PODER SIMBÓLICO DA MORTE NO RITUAL FUNERÁRIO
DA ETNIA BORORO**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão III no Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Cruz

**REDENÇÃO
2021**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
1.1 Justificativa.....	5.
1.2 Objetivo	5
2. Método.....	5
3. Embasamento teórico.....	5
3.1 Etnia Bororo.....	6
4. Contextualização das particularidades do ritual funerário bororo.....	7
4.1 Ritual funerário e o poder simbólico da morte.....	10
5. Morte e seu simbolismo.....	12
6. Referência	14

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa, é composto, para mais desta introdução, considerações finais, em três partes: em um primeiro momento trataremos de uma pesquisa sobre a etnia Bororo e a ordem do ritual funerário. Em seguida, trataremos das contextualizações das particularidades que pairam os rituais, cujo principal expoente são suas definições históricas e simbólicas por trás do ritual.

Logo após, faremos considerações acerca dos conceitos do poder simbólico e os processos realizados durante os funerais. Para assim, com respaldo teórico, encontraremos o poder simbólico que a morte possui durante o funeral dos Bororos.

Utilizei uma análise quantitativa, com uma metodologia bibliográfica focada na definição histórica e subjetiva da morte. Pretendo trazer um conhecimento para o campo histórico e simbólico sobre a etnia Bororo, incentivando assim pesquisas sobre o assunto e dando uma base teórica para os futuros trabalhos acadêmicos.

Meu interesse no tema surgiu ao estudar o tratamento dado à morte em diferentes sociedades e seu papel para a construção de identidade cultural. Espero contribuir com uma introdução ao misticismo ritualístico encontrado nos funerais dos Bororo e, assim, auxiliando futuros trabalhos sobre essa temática, que, invariavelmente, diz respeito a todos nós.

1.1 Justificativa

Dentro do campo universitário somos levados a questionamentos sobre as sociedades e o que as mantém. Aspectos culturais, sociais entre outros. Tais indagações me fizeram refletir sobre o poder simbólico que a morte possui nesta etnia.

1.2. Objetivo

Explorar o poder simbólico que a morte evoca durante o funeral dos Bororos.

2. MÉTODO

Trago a metodologia bibliográfica de pesquisadores que contribuíram para uma percepção que vai além de um ritual mortuário, configurando uma forma de passagem de conhecimento da sociedade Bororo.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO

O embasamento teórico se voltará para identificar como se dá a manutenção ritualística e como dentro da etnia acabou se tornando um dos pilares da sociedade.

3.1. ETNIA BORORO

Para iniciarmos esse trabalho de conclusão de curso de bacharelado em humanidades temos que utilizar de um aparato histórico para podermos estar cientes de quem são os Bororo. Para isso utilizo uma breve definição sobre essa etnia, realizada pelo o Museu Virtual Funeral Bororo onde possui as seguintes informações,

Os Bororos são uma etnia indígena do estado do Mato Grosso. Há registros da presença desta população, inicialmente contabilizada em 10 mil indivíduos, ocupando uma extensa região que incluía, além das margens do Rio Xingu, a Bolívia e a região centro sul de Goiás. Atualmente, restam apenas cerca de 2000 ...”

Começaremos essa breve jornada pela significação do termo Bororo, e sua respectiva justificativa. Segundo os autores Colbacchini e Albisetti (1942, p. 22): Bororo" é o nome de um herói dos tempos passados e significa também pátio, praça, largo da aldeia....”

Percebemos que uma das características dessa etnia que marcou profundamente os antropólogos é sua configuração baseada em forma circular em torno da casa dos homens. Esta, que possui dentro do ritual mortuário a manutenção dos papéis entre ambos os sexos.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PARTICULARIDADES DO RITUAL FUNERÁRIO BORORO

Figura 1- Índios Bororo



Fonte: <http://bororo.museuvirtual.unb.br>

A etnia Bororo foi colocada como objeto de investigação por conta que seu ritual funerário possui um papel conclusivo na construção social da etnia, caracterizando boa parte do contexto cultural dos Bororos, assim exercendo papel ativo na criação histórica dos integrantes dessa sociedade. Tratarei do ritual com o recorte histórico entre as pesquisas realizadas nos anos de 1936 até as pesquisas feitas no ano de 2019.

A reorganização e a resignificação da vida inclusive da etnia são passadas de geração a geração intrinsecamente ligada ao ritual funerário. Esmiuçamos a significação e a dominação exercida pelos detentores desse poder sagrado.

Na identidade da etnia Bororo podemos identificar em sua formação um conjunto de reações a partir da morte de um integrante da etnia. Essa identidade individual é formada culturalmente, visto que uma ação de um indivíduo não será vista como pertencente apenas de quem a praticou e sim como uma atitude que abalará todo o coletivo. Quando falamos da morte de um integrante, significa falar da desarmonia em toda a etnia.

A medida que esse significado de subordinação e dominação no ritual mortuário trás sobre a morte de um Bororo carrega consigo é internalizado, transforma-se num mecanismo subjetivo da relação do indivíduo com a sua própria identidade, construindo o indivíduo histórico voltado como parte de sua formação a integração do ritual, assim, o significado externo adquire um sentido pessoal para o indivíduo.

Temos então uma sociedade em que sua configuração social é definida como parte do processo de construção do pertencimento do indivíduo ao grupo social, temos um corpo é vivido por sua própria escrita, escrita essa que traz em si a herança da sociedade passada durante o ritual.

Encontramos na cultura ocidental um contexto sócio-histórico e na sua própria identidade, a cultura e a visão do sagrado sobre a morte denota a negação. Essa visão imposta baseada no discurso da supremacia dos homens brancos não traduz o que para essa sociedade representa, pois para os Bororos essa morada permanente seria a aldeia dos mortos.

A configuração social se destaca ao refletir a segmentação obtida por meio do processo ritualístico. Sendo nesse caso uma sociedade extremamente integrada por uma procura pelo equilíbrio.

A coletividade encontrada nesse grupo se observa na ação que leva ao desequilíbrio, não sendo vista como um ato individual, mas sim a desarmonia de toda a etnia e não apenas ao indivíduo que a fez. É possível identificar uma solidariedade mecânica. No campo histórico identificamos diversas sociedades interligadas ao processo da morte, tendo a morada definitiva do corpo em destaque.

Encontrando uma oposição a esse pensamento com a etnia Bororo, que ao invés do corpo, a morada definitiva seja obtida por meio do ritual funerário e a mesma encontrada na aldeia dos mortos. Sendo assim, o corpo é apenas o artifício para esse caminho.

Trago agora o que seria então o funeral para os Bororos pelo conceito da autora **Sylvia Caiuby Novaes**,

De todos os eventos que marcam o ciclo da vida entre os Bororo, a morte é, certamente, a mais celebrada. Não há vida sem morte nessa sociedade. É nos funerais que são evocadas as almas de antepassados e de heróis culturais... O funeral é, nesse sentido, um momento muito propício para a produção e difusão do conhecimento”. (NOVAES, 2006, p. 284).

A morte apresenta-se então como uma ocorrência impregnada de valores e de significados. Na etnia Bororo, o funeral em si no contexto sociocultural e histórico em que se

manifesta possui múltiplas funções, tais quais como a definição dos papéis sociais em que cada gênero exerce, assim como o ato de transmissão de conhecimento entre as gerações.

A nossa preocupação, aqui, tem como foco principal a civilização Bororo, no interior da qual dois aspectos serão dirigidos, a contextualização do ritual funerário e o poder simbólico que a morte possui.

Figura 2 – Civilização Bororo



Fonte: [www.http://bororo.museuvirtual.unb.br](http://bororo.museuvirtual.unb.br)

Os mortos não são considerados presenças inoportunas. É a partir deles, que ao ser feito o ritual, toda sociedade passa por um processo de ressignificação. Encontramos como mencionado anteriormente que não existe vida sem a morte, ela está conectada aos processos consciência da maioria e tomada de responsabilidade, na passagem de conhecimentos dos anciões para os jovens e em outros papéis já mencionados.

Encontramos então algumas experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento da identidade na etnia Bororos, apresentando analogias com a ideia de morte e atravessado por uma ruptura, como os rituais de passagens efetuados apenas durante os funerais.

A separação pode ser vivenciada através de vários tipos de experiências, desde a divisão dos papéis de cada um na etnia e assim como as práticas do ritualísticas em cada espaço ocupado. Ao longo do processo de desenvolvimento, convive-se com a significação de que o

ritual funerário é uma estrutura social da etnia, a passagem de cada fase caracteriza-se pela conservação dos papéis impostos para o indivíduo.

Um aspecto importante da postura da etnia com todo o ritual é a significação que se dá a um espaço específico, sendo esta a casa dos homens. Para a autor, Levi's Strauss, a casa dos homens dos Bororo é,

E, entretanto, a significação da casa dos homens ultrapassa ainda a que se liga ao centro da vida social e religiosa que tentei descrever. A estrutura da aldeia não permite apenas o jogo refinado das instituições: ela resume e garante as relações entre o homem e o universo, entre a sociedade e o mundo sobrenatural, entre os vivos e os mortos. (STRAUSS, 1957, p. 243)

Temos então um espaço em que sua função é manter a relação harmoniosa do homem com o universo. Não podemos esquecer que o ser humano é um ser social, que a partir das interações compartilha conhecimentos e dá significado a sua realidade e seu cotidiano.

4.1.RITUAL FUNERÁRIO E O PODER SIMBÓLICO DA MORTE

Antes de adentrar na ordem que segue os rituais funerários, vamos trazer o conceito da experiência do sagrado da autora Marilena Chauí. Para podermos compreender e relacionar com o conteúdo abordado que, até agora no presente trabalho, qual é o papel simbólico do ritual funerário e da morte dentro do ritual.

Para a autora, Marilena Chauí,

O sagrado é uma experiência da presença de uma potência ou de uma força sobrenatural que habita algum ser ... O sagrado é a experiência simbólica da diferença entre os seres, da superioridade de alguns sobre outros, do poderio de alguns sobre outros, superioridade e poder sentidos como espantosos, misteriosos, desejados e temidos. A sacralidade introduz uma ruptura entre natural e sobrenatural, mesmo que os seres sagrados sejam naturais..." (CHAUÍ, 2000,p. 379).

Como exposto por Marilena Chauí, a sociedade efetua modos sistemáticos de encarar a morte, ou seja, modos de organizar, conduzir e modular o repertório das condutas humanas, individuais e coletivas da morte. Iremos tratar nesta parte do trabalho como é a dinâmica do funeral dos Bororo.

Temos para os Bororo que o significado do poder simbólico dentro do funeral, é que ele possui o poder de transformar o cadáver, ou seja, o corpo material, em alma. Realizando com o ritual a transformação dessa alma para a sua moradia definitiva que seria a aldeia dos mortos, com cerca de três meses de duração. Segundo o autor, CARVALHO, os rituais funerários seguem essa linha de significação,

“a encenação da viagem em que o aroe/cadáver, transformado ritualisticamente e culturalmente em aroe/alma, parte do mundo terreno, passa pelo estágio transformador e purificador até chegar a sua morada definitiva: a aldeia dos mortos” (CARVALHO, 1994, p14).

Podemos entender que no circuito do ritual funerário, a morte não se instala como um tabu, um assunto proibido entre os Bororo. Ela é tida como um ritual de passagem para uma nova vida.

Dentro do campo social a morte possui essa caracterização pelo o contexto que traremos nas falas do autor Levi's Strauss:

[...] cada vez em que um indígena morre, não somente seus próximos, mas toda a sociedade, são lesados. O prejuízo de que a natureza se tornou culpada contra a sociedade acarreta, em detrimento da primeira, um divida, termo que traduz bastante bem uma noção essencial dos Bororo, a de *mori*. [...] a dupla inumação, que consiste em depositar primeiro o cadáver numa fossa coberta de ramos, no centro da aldeia, até que a carne se putrefaça, depois em lavar as ossadas no rio, pintá-las e orna-las de mosaico de penas coladas, antes de afundá-las dentro de um cesto, no fundo dum lago ou num curso d'água. (STRAUSS, 1957, p. 246-247)

A morte age como processo de necessidade da união do grupo, portanto, o fenômeno morte não finaliza com o fato consumado, encontraremos uma forma de concluir ritos de passagens e como veremos com Novaes (1979, p. 161), ela é utilizada como um processo de manutenção da força da etnia para lidar com os problemas exteriores a mesma.

A morte de um indivíduo desencadeia a necessidade de união entre todos os níveis. Esta união é necessária para que a sociedade possa fazer frente às forças centrífugas que a ameaçam, e que tem na morte a sua representação mais concreta. Um indivíduo que morre é alguém que sai, que deixa o grupo; é necessário recuperá-lo, ainda que sob outra forma.

Para adentrar mais ainda nesse contexto, temos, para a autor Levi's Strauss:

Vê-se, pois, que para os Bororo o universo físico consiste numa hierarquia complexa de poderes individualizados. Se sua natureza pessoal é claramente afirmada, já não acontece o mesmo com os outros atributos: porque esses poderes são, ao mesmo tempo, coisas e seres, vivos e mortos. Na sociedade, os feiticeiros formam a articulação que liga os homens a esse universo equívoco das almas malfazejas, simultaneamente pessoas e objetos. Ao lado do universo físico, o universo sociológico apresenta caracteres completamente diferentes... Como o bari e o intermediário entre a sociedade humana e as almas malfazejas, individuais e cosmológicas (vimos que as almas dos bari mortos são tudo isso ao mesmo tempo) existe outro mediador que preside as relações entre a sociedade dos vivos e a sociedade dos mortos, esta última benfeitora, coletiva e

antropomórfica. É o "dono do caminho das almas" ou "aroettowaraare". Distingue-se ele do bari por caracteres antitéticos. (STRAUSS, 1957, p. 248-249)

A morte é sem dúvida um acontecimento relevante em qualquer sociedade, sua magnitude se deve, entre outras razões, dentro da etnia dos Bororo, ao fato dela ser o meio necessário da transmissão cultural dentro do grupo.

A morte em vários aspectos tem esse poder transformador, mantendo as definições e representações sociais, relacionando com o que foi exposto, além de ter o poder de transformar o corpo físico em alma, segue para uma nova vida na aldeia dos mortos. Ela é o meio de serem efetuados os ritos de passagens.

5. MORTE E SEU SIMBOLISMO

Figura 3 – Poder simbólico da morte



Fonte: [www.http://bororo.museuvirtual.unb.br](http://bororo.museuvirtual.unb.br)

Nessa pesquisa foi alcançada de forma satisfatória a definição do poder simbólico da morte para a etnia Bororo, com intuito que futuras pesquisas possam ser recomendadas para estudos da etnia que vão além da definição da morte. Ao ser tratado as particularidades podemos ver que dentro do ritual encontram-se os meios estruturais de como se mantém esta sociedade.

Para a sociedade, como um todo, ao ser realizada a pesquisa foi possível identificar que nos Bororo à morte não seria um fim e sim um meio através do ritual da chegada à morada definitiva. Na etnia os papéis destinados a cada pertencente encontram um valor simbólico que

mantém estruturada as posições de cada membro na sociedade. Um local que mantém bastante clara cada posição é a já mencionada casa dos homens.

A identidade formada por reações a partir da morte, pretendendo encontrar a harmonia entre indivíduo e a sociedade e que na ocorrência da morte de um integrante realiza-se o ritual para obter novamente a harmonia entre a etnia e a natureza.

Com o ritual ocorre a transfiguração de um cadáver, corpo material em alma apta para a morada eterna. O ritual também é um processo de manutenção da força da etnia para lidar com os problemas exteriores a ela. Além de estar conectada aos processos de passagens dos integrantes da etnia.

A morte não possui uma barreira dentro dos pertencentes da etnia na qual é encontrada na sociedade ocidental, e sim como uma das bases da sociedade de manter a harmonia, os valores simbólicos e o conhecimento pertencentes da estrutura social da etnia.

Tendo em vista o exposto, considera-se que para os Bororos a morte não é significada como presente inoportuno. É através dela que é possível fazer a manutenção da configuração social dos Bororos. Pretendo que essa pesquisa possa fomentar a construção de conhecimentos sobre esta etnia.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COLBACCHINI, Antonio; ALBISETTI, Cesar. **Os boróros orientais** : orarimogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso. Brasil, Ed. Nacional,1942. Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/467?locale=pt_BR. Acesso em: 04. set. 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução de Wilson Martins. São Paulo: Anhembi, 1957.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Aije: a expressão metafórica da sexualidade entre os Bororo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 37, p. 183-202, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41616143>. Acesso em: 03. abr 2020.

NOVAES, Sylvia Caiuby.. Iconografia e Oralidade: sobre objetos e pessoa entre os Bororo. **GIS - Gesto Imagem Som -Revista de Antropologia**, v. 1, p. 89-114,2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/116351>. Acesso em: 05. Ago. 2020.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Funerais entre os Bororo: imagens da refiguração do mundo. **Revista de Antropologia**, 2006, v.49, n.1. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4700761/mod_resource/content/1/2.%20NOVAES_2006_Funerais%20entre%20os%20Bororo.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

WILSON, Monica. 1954. Nyakyusa ritual and symbolism. **American Anthropologist**, v. 56, n. 2. 1957. Rituais o/ kinship among the Nyakyusa. London: Oxford University Press.

WILSON, Monica. Apresenta informações sobre os povos e as temáticas indígenas. Disponível em: <http://bororo.museuvirtual.unb.br/index.php/pt/os-bororom>. Acesso em: 22 nov. 2020.